

A Situação de Portugal na Europa no final do século XIX e início do século XX: a Geração de 70.

*Celeste Natário
Universidade do Porto*

Resumo: O artigo apresenta a reflexão filosófica realizada pelos integrantes da denominada Geração de 70. Eram eles filósofos de escolas distintas que procuram entender o significado da crise então vivida em Portugal. Esses homens tinham por pano de fundo o que se passava na Europa e pretendiam instaurar naquele país uma revolução moral e política que desejavam ver depois espalhada pela Europa.

Palavras-chave: Moral. Política. Sociedade.

Abstract: The article presents the philosophical thought by the members of The 70s Generation. They were philosophers from different movements that tried to understand the meaning of the crisis in Portugal at that time. These men had the situation in Europe as their background and intended to establish in that country a moral and political revolution they wished to see spread over Europe.

Key words: Moral. Politics. Society.

I. Considerações iniciais

No século XIX, os princípios da ciência e do progresso industrial foram, para além de uma constante, uma indubitável marca de identificação e mudança. Paralelamente, a racionalidade que fundava a ordem industrial e burocrática com um peso excessivo e redutor começará a ser posta em causa. Doutrinas e filosofias de índole espiritual começam também a ressurgir, tentando assim a filosofia conquistar um novo lugar.

As numerosas descobertas a que se assiste fazem deste século uma época criadora, conseguindo-se através de fenómenos e processos naturais o domínio científico. Século da ciência e da técnica, afirma-se a fé na ciência como última consequência de fé na razão que se havia

iniciado com o Renascimento. Mas a hegemonia do cientismo trazia também uma concepção desagregadora de valores.

A ausência de uma unidade explica-se em parte por um processo de diversas formas de pensar que desembocava num certo caos de opiniões, sistemas e directrizes. O excesso de racionalismo que na Alemanha culminava com o idealismo; a filosofia pessimista de Shopenhauer (1788-1860), própria do idealismo alemão, subjectivista, é expressão desse momento histórico.

A concepção do universo de tipo religioso e metafísico era rejeitada pelas novas gerações que se direccionam por especulações realistas e positivistas. Os velhos moldes que orientavam a sociedade humana são assim colocados em causa pelo desenvolvimento científico e técnico alcançado ao longo do século XIX. Surge um novo enfoque onde a vida humana não se explica através do pensamento metafísico mas parte da experiência dos fenómenos naturais. O conhecimento vincula-se à investigação. Dentro de uma certa lógica do progressivismo científico e político, o século XIX, com filósofos como John Stuart Mill, Henri Spencer e William James, apresenta um novo empirismo, nomeadamente na Inglaterra, e, fora da Europa, nos Estados Unidos.

II. O sentimento de crise

Um forte abalo provocado por uma crise de certezas, tanto de ordem espiritual como social, leva a que se tente encontrar algo de novo que seja mais firme no sentido de levar a outras respostas para as grandes interrogações com as quais a sociedade ocidental se confronta face a uma profunda alteração.

A cultura e o pensamento nos finais do século XIX e começos do século XX, tendo em conta o amontoado de mudanças decisivas aos diversos níveis, vai, ao nível sociocultural, difundir os princípios políticos institucionais e jurídicos do chamado sistema democrático e liberal que se vai expandir um pouco por quase todo o mundo.

Num breve olhar, diríamos também que na arte, pintura e música se assiste a uma reacção contra o realismo. Na pintura, o destaque vai para o impressionismo; 1874 é a data da primeira exposição dos impressionistas franceses. No final do século, tanto na arte como na literatura, vai imperar o modernismo. Na música, o romanticismo também dá lugar ao impressionismo.

Cézanne, Van Gogh, Manet, Monet e Sorolla, surgem na pintura; Zola, Balzac, Proust, Dickens, Ibsen, Tolstoi e Dostoiévsky são alguns dos nomes da literatura; na música foram as criações de Wagner, Brahms, Mahler, Berlioz, Debussy e Tchaikovski.

Uma renovação do pensamento da cultura europeia, tentando superar as crises de certezas que se colocavam, surge na Europa Central com um movimento de afirmação e primazia da vida. É uma nova atitude cultural, uma filosofia que põe o acento na vida e seus valores, defendendo uma subordinação do racional ao vital, expressa pelo que se designou «razão vital». A este novo movimento, designado por vitalismo, associam-se nomes como Nietzsche, Dilthey e Henri Bergson.

Aparecem também o positivismo de August Comte, o materialismo de Marx, tendências estético-aristocráticas, com destaque para Nietzsche, a orientação pragmatista de William James (1842-1910) e a psicanálise de Sigmund Freud (1859-1939)¹.

O visível império da razão de algumas doutrinas que o século XIX faz surgir com repercussões ainda no século XX, fazendo esquecer ou colocando entre parêntesis o lado espiritual do homem e da vida humana na sua totalidade, levou assim a um cansaço racionalista. A realidade radical do ser humano e a afirmação da vida excede o poder discursivo da razão, ela não é a faculdade única do homem para ver a realidade. A intuição, o instinto, a inspiração poética, o inconsciente, seriam também formas necessárias para atender e considerar.

Assim, um excessivo racionalismo que o idealismo de Hegel e o positivismo científico de August Comte (tal como foi interpretado), levaram ao aparecimento de *filosofias da vida*, no sentido da compreensão da vida humana na sua totalidade.

Atribuir ao homem mais do que o que ele poderia suportar, conduziu-o à amargura e angústia. O desenvolvimento da ciência e da técnica e a ideia de progresso como base que o século XIX iniciou foi uma espécie de doce amargo, pois deu a ilusão de que seria possível recuperar na terra o *paraíso perdido*.

¹ Não menos importância teve também nesta época o evolucionismo com Charles Darwin (1809-1882), que descobre, como princípios de toda a evolução, a variação, a herança e o aumento de reprodução. Isto levou à selecção natural mediante a luta pela existência e a sobrevivência dos mais fortes, considerando também que a vida não estava submetida a nenhuma fatalidade teológica.

O percurso intelectual do espiritualismo, em França, do evolucionismo, em Inglaterra, do neo-Kantismo na Alemanha, podem ter surgido com alguma tranquilidade. Acima de tudo, se para uns era a ciência e a técnica que deveriam dominar, para outros o importante era a busca da interioridade do homem, embora os meios pudessem divergir, desde a intuição ao sonho.

Schopenhauer, Nietzsche, Bergson, com pensamentos diferentes, buscam uma compreensão da vida *íntima* e de um mundo que a história da filosofia aproxima das posições vitalistas. Num plano de historicismo e *raciovitalismo* surgem nomes como Ortega y Gasset e William Dilthey, também a fenomenologia de Husserl e a metafísica de Whitehead, Jaspers, Merleau-Ponty se encontram do lado da busca interior.

As questões de ordem religiosa e metafísica que uma parte dos pensadores dos séculos XIX e XX quis pôr de parte não foi uma questão fácil e pacífica, como podemos constatar ao longo da história da filosofia e no íntimo de cada filósofo e pensador. Aliás, foram de um modo geral as crises de valores, nomeadamente de ordem religiosa e metafísica, que, ao longo da história do pensamento, estiveram na origem de alguns grandes sistemas filosóficos.

III. A situação em Portugal

Embora todas as movimentações sociais, políticas e culturais que na Europa se desencadeavam tivessem importância para o que então em Portugal se ia verificando, é verdade também que a específica idiosincrasia portuguesa, de certa forma hesitante entre um certo tradicionalismo e o avançar para rasgar novos horizontes, constitui uma peculiar característica de identidade da forma de ser e estar dos portugueses. A procura de uma harmonia, de uma conciliação (reconciliação) entre o enraizamento e a errância, a *traditio* e a *revolutio*, coordenadas temporais e espaciais, principalmente consideradas entre os séculos XIX e XX, causaram no nosso processo de assunção do que se poderia designar de *modernidade* e *pós-modernidade* alguns problemas específicos. No *processus* civilizacional, às voltas com origens e matrizes, aceitando embora o novo e o diferente, elogiando às vezes mas nem sempre com convicção,

principalmente no que se relaciona com a ideia de progresso científico, tudo parece caminhar muito lentamente, com as inevitáveis repercussões noutros níveis da vida em sociedade e na vida de cada um.

Portugal, no final do século XIX, não era ainda um país com os problemas ou os vícios da Revolução Industrial. Então, a técnica, a ciência, o progresso? As interrogações que se sucedem de forma mais ou menos acentuada com o dobrar do século e do tempo, no sentido das esperanças renovadas para mudanças e aperfeiçoamentos, tiveram em Portugal pouca razão de ser. Foi a Geração de 70 que inicialmente numa espécie de reconhecimento do «trauma» de tal atraso em relação à Europa pretendeu fazer acordar o País que, meio estremunhado e atónito, deixa os políticos, mais do que os intelectuais, em sobressalto, tentando aqueles acalmar os ânimos destes. Contudo, o caminho para as transformações não se pode projectar sem pensamento, sem imaginação e criatividade, características sobretudo de intelectuais. Aliás, na prática, as mudanças que ocorrem a partir das revoluções são geralmente feitas por políticos e militares com uma colaboração bem mais reduzida de alguns intelectuais e muitas vezes adulterando-lhes o pensamento. Acontece então que estas revoluções nem sempre significam o que deveriam, isto é, um movimento novo com vista a uma marcha para um mundo também novo. Políticos e militares revoltosos são mais dotados de capacidades estratégicas e muitas vezes manobradoras em que um desfasamento da realidade dos homens e seu espaço não raro acontece. Mas, para que as transformações se possam efectivar, para que possam dar resultados, será necessário fazer todas as tentativas, primeiro a um nível interior, isto é, ao nível de uma mudança de mentalidades – trabalho longo e penoso –, para depois poder passar para o exterior, ou seja, para uma renovação exterior efectiva e positiva. Uma renovação interior, onde obviamente desempenhará lugar fundamental a educação no sentido mais abrangente do termo, exigirá uma cultura cívica, política, moral, e esta, pensamos, tal como Proença, terá que estar enraizada na ética, perspectivada numa dimensão verdadeiramente antropológica, não instrumentalizada, mas assente no respeito da dignidade humana.

Em Portugal tardavam as mudanças desejadas. Alguns intelectuais frustrados, desconfiados, renitentes e com grande vontade

de mudar os rumos do panorama cultural, político e social tentam pelo seu magistério e sobretudo através da educação, no mais amplo sentido, iniciar um caminho com o claro objectivo de alterar, renovando, a realidade portuguesa.

É de alguns movimentos de intelectuais do final do século XIX e início do século XX que falaremos a seguir.

Na sequência de uma certa petrificação ou «cousificação» da realidade, impeditiva da inerente evolução e transformação do ser humano e das realidades que a todos os níveis o envolvem, surgem então movimentos que protestavam contra o que na política, filosofia e religião era inerente, isto é, não permitindo a criação e a evolução. Os sistemas e doutrinas petrificadores da vida e do que eles supuseram eram assim postos em causa.

Os movimentos culturais de um tempo e de um povo constituem a seu tempo e a seu modo uma boa contribuição para melhor se entender a sua história, as suas necessidades, os seus anseios e inquietações. Cada movimento desta natureza, assim como os seus autores, devem ser vistos enraizados nos contextos que levaram à sua aparição e manutenção.

Os condicionalismos diversos de oitocentos e novecentos em Portugal são aqui o palco para a sua explicação. De igual modo iremos fazer referência aos movimentos de gerações de intelectuais que consideramos mais importantes para o enquadramento do autor deste trabalho.

O Portugal de 1870, como já atrás notámos, não era ainda e só mais tardiamente foi um país com os problemas e as consequências da Revolução Industrial.

Os movimentos intelectuais dos países da revolução industrial foram, na sua quase totalidade, citadinos e urbanistas. O movimento que em Portugal mais se aproximou deles, nesta fase, foi o da Geração de 70, porventura o mais importante do final do século XIX com repercussões no século XX. Foi também no contexto de novas ideias de renovadas esperanças para o País que já no século XX surgem também a Renascença Portuguesa e a revista *A Águia*, assim como o movimento e revista *Seara Nova*.

IV. A geração de 70

O movimento da Geração de 70, embora de forma geral fosse movido por razões literárias, de imediato o que verdadeiramente o fez despoletar foi o reconhecimento de um certo atraso em termos globais que se vivia em Portugal, comparado com os outros países da Europa, principalmente com a França, o país de referência.

O seu início teve lugar por volta de 1865-1866, com a chamada «Questão Coimbrã», que envolveu Antero de Quental (1842-1891), Teófilo Braga (1843-1924), Vieira de Castro (1838-1872) e um grupo de ultra-românticos, liderados por António Feliciano de Castilho (1800-1875), e ainda que a motivação literária tenha sido a sua base, depressa esta é ultrapassada por outras áreas, tendo como pressuposto uma concepção filosófica da história.

O regime monárquico-constitucional e os valores sobre os quais assentava foram alvo de ataque por parte desta geração que acompanhava à distância o desenvolvimento da Europa transpirenaica.

Ao ambiente do burgo cultural de Coimbra chegam os livros de Michelet, Proudhon, Renan, Heine, Feuerbach, Büchner, Hegel, entre outros. Os jovens intelectuais que então estudavam na cidade do Mondego tomam conhecimento de um mundo novo, onde a «religião da ciência e a fé no progresso indefinido do espírito humano»² invade as diversas áreas do saber. De lugar de destaque e quase rei da criação, o homem passa para simples parte de um todo em que o mundo e a história passam a ser encarados como uma universal necessidade. Deus deixa de ser encarado pela transcendência para tornar-se em categoria de ideal e em que a crença maior é a do progresso. A evolução do cosmos e da história em que tanto se acreditava visava a consumação de um ideal de justiça.

O evolucionismo que as filosofias da história vinham propagando ir-se-ia aplicar também à natureza, através do aprofundado estudo e interpretação das teorias de Lamarck e depois com a ajuda das ideias de Darwin e da sua *Origem das Espécies* (1859), Herbert Spencer e Haeckel. Através das obras críticas de Feurbach, David Strauss, Renan, foi feita uma crítica à ideia de transcendência religiosa, fazendo-se uma interpretação humana da figura de Jesus Cristo.

² Joaquim Carvalho, *Obra Completa*, Fundação C. Gulbenkian, 1995, p.52

As filosofias da história de Vico e Michelet, os ideais humanistas de Victor Hugo, o contributo de Quinet, as concepções de Proudhon, todos eles fazendo a apologia do processo evolutivo e perfectível da humanidade, complementado com um melhor conhecimento de Hegel, através de traduções e ou resumos, trazem um enraizamento metafísico dessa mesma humanidade. Assiste-se pois a um optimismo historicista crescente, e, paralelamente, a uma desmesurada confiança no triunfo da ciência que as filosofias positivistas de Comte, Littré e Spencer iam propagando. As novas interpretações filosóficas da história com que os jovens intelectuais de Coimbra entusiasticamente travam conhecimento e acreditam são encaradas como forma de chegar a uma sociedade humana e justa. Eram as sementes de verdade para o desenvolvimento da Humanidade, que acreditavam ser possível com um homem novo e um tempo novo, acreditando também ser o que as filosofias emergentes neste século procuravam alcançar.

Embora os «iconoclastas de Coimbra», como lhes chamara Basílio Teles³, estivessem em sintonia com estas ideias, eles pretendiam acima de tudo uma espécie de «jubileu nacional»⁴. Tal desiderato teve como base o mundo do pensamento moderno que, escreve Antero: «à guisa de um cenário de mágica, ia desdobrando perante os olhares embevecidos as suas decorações e perspectivas. Primeiro, vinha um desfile de nomes bárbaros, desconhecidos, ferindo asperamente o nosso ouvido – Strauss, Feuerbach, Fichte, Hegel, Müller, Bopp, Diez, Creuzer, ao lado de outros mais gratos e meridionais de nervos delicados – Quinet, Michelet, Baudelaire, Leconte de Lisle, Taine, Balzac, Burnouf, Renan...».⁵

Assim, se as intenções desta nova geração foram originariamente culturais, a componente de natureza política esteve, desde o início, a essas intenções ligada, nomeadamente com as conferências iniciadas em Lisboa em 1871 – Conferências Democráticas do Casino.

As influências de uma conjuntura internacional revolucionária,⁶ acrescidas a nível interno por uma crise político-partidária entre monár-

³ In *Do Ultimatum ao 31 de Janeiro. Esboço de História Positiva*, Livraria Chardron, de Lello e Irmão, Porto, 1905, p.20.

⁴ *Ibidem*, p. 22.

⁵ In *Programa das Conferências Democráticas do Casino*, II, 1926, p.91.

⁶ Refira-se como exemplo a *Comuna de Paris*.

quicos e republicanos, foram aspectos determinantes para o emergir desta geração. «Agitar na opinião pública as grandes questões da filosofia e da ciência moderna» e estudar «as condições de transformação política, económica e religiosa na sociedade portuguesa»⁷ foram algumas das principais pretensões defendidas por Antero de Quental nessas Conferências, a que deu desenvolvido destaque em *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos* (1871). Depois de uma série de conferências em que intervieram Augusto Soromenho, sobre a literatura portuguesa, e Eça de Queirós que na exposição que fizera foi interpretado como uma espécie de manifesto realístico-estético, Adolfo Coelho pronunciava-se acerca do problema do ensino em Portugal, defendendo a urgente necessidade de separar a Igreja e o Estado e chamando a atenção para o problema da liberdade de consciência. Por último, seria a vez de Salomão Saraga com o tema «Historiadores críticos de Jesus», que não se chegou a realizar, na sequência de uma arbitrária atitude governamental que suprimiu violentamente as Conferências, impedindo que prosseguissem, apesar dos protestos, quer dos intervenientes do grupo, quer de pessoas exteriores ao movimento, entre as quais se destacou a figura de Alexandre Herculano. A «raça decaída por ter rejeitado o espírito moderno»⁸ não parecia ainda estar preparada para grandes transformações. Os sonhos humanistas e regeneradores que a geração coimbrã pensava ter descoberto e pretendia instaurar em Portugal pressupunha uma revolução moral, social e política para além das próprias fronteiras, uma vez que também tinha como base a ideia proudhoniana da futura federalização dos povos, entendendo ser essa a etapa necessária para chegar à «república federativa e universal», sonhos frustrados por políticos com diferentes perspectivas em relação a esse espírito moderno que soprava da Europa e que, de imediato, a ideologia política e social portuguesa ou pelo menos o poder instituído não parecia querer aceitar.

De qualquer modo e ainda que muitos dos objectivos da Geração de 70 tivessem saído frustrados, a verdade é que no plano cultural como noutros a hegemonia dos seus ideais teve inevitáveis repercussões.

⁷ In *Programa das Conferências Democráticas do Casino*, II, 1926, p.91

⁸ Antero de Quental, *Ibidem*, p.139.

Bibliografia

CARVALHO, Joaquim. *Obra Completa*. Fundação C. Gulbenkian, 1995.

Do Ultimatum ao 31 de Janeiro. Esboço de História Positiva, Livraria Chardron : Porto, 1905.

Programa das Conferências Democráticas do Casino, II, 1926.